

FICHA TÉCNICA

Título original: *Did I Mention I Love You?*

Autora: *Estelle Maskame*

Copyright © Estelle Maskame 2015

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Maria Eduarda Colares*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Design da capa: *Colin Mercer*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2018

Depósito legal n.º 435 633/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

1

Se há coisa que eu tenha aprendido nos filmes e nos livros é que Los Angeles é a mais fantástica das cidades, com as mais fantásticas pessoas e as mais fantásticas praias. E, portanto, à semelhança de qualquer rapariga à face do planeta, eu acalentava o sonho de visitar o Golden State, como é conhecido o estado da Califórnia. Ambicionava poder um dia correr pelas areias de Venice Beach; apoiar as mãos nas das minhas celebridades favoritas no Walk of Fame; subir até ao letreiro gigante de Hollywood e daí contemplar a maravilhosa cidade.

E mais uma data de coisas daquelas que os turistas têm obrigatoriamente de fazer.

Com um auscultador posto e a atenção dividida entre a música que sussurra ao meu ouvido e a passadeira das bagagens que circula diante de mim, luto por um espaço onde possa recolher a minha mala. Enquanto as pessoas em redor de mim se empurram e gritam para as que as acompanham que a bagagem que lhes pertence acabou de passar mesmo debaixo dos seus narizes, e as outras respondem, igualmente aos gritos, que não era a sua bagagem, ergo os olhos e concentro-me na mala de caqui que se aproxima. Tenho a certeza de que é a minha por causa das letras de músicas que escrevi nela, de alto a baixo, portanto, levanto-a pela pega e retiro-a o mais rapidamente que posso.

— Estou aqui! — ouço, numa voz que me é familiar. A voz do meu pai, invulgarmente profunda, chega-me abafada pela música, mas, por muito alto que estivesse o som, eu conseguiria provavelmente distingui-la a milhas de distância. É uma voz irritante, demasiado incómoda para que eu a consiga ignorar.

Quando a minha mãe me deu a novidade de que o meu pai tinha pedido para eu ir passar o verão com ele, desatámos ambas a rir como loucas perante tão completo disparate. — Não és obrigada a ir a correr para

lá porque ele se lembrou de te chamar — recorda-me ela, diariamente. Três anos sem dar acordo de si e subitamente decide que quer que eu passe o verão com ele? O que ele devia ter feito era começar por me telefonar uma vez ou outra, para saber como é que eu estava, e, pouco a pouco, ir participando de novo na minha vida, mas não, decidiu entrar a matar e pedir para eu passar oito semanas com ele. A minha mãe foi completamente contra a ideia. Não achava que ele merecesse oito semanas comigo. Dizia que nada que ele fizesse poderia compensar o tempo em que estivera longe de mim. Mas o meu pai insistia cada vez mais, tentando desesperadamente convencer-me de que eu ia adorar estar no Sul da Califórnia. Não faço ideia por que razão ele decidiu aparecer assim, vindo do nada. Estaria a contar recompor a relação comigo, que quebrou no dia em que se levantou e saiu porta fora? No meu entender, isso era completamente impossível, no entanto, um dia, de um momento para o outro, cedi e liguei para o meu pai a dizer que queria ir. Contudo, a minha decisão não teve a ver com ele. Teve mais a ver com a ideia de dias quentes de verão, praias brutais e a possibilidade de me apaixonar por um modelo da Abercrombie & Fitch de pele bronzeada e gloriosos abdominais. Para além disso, tinha as minhas razões muito pessoais para me querer pôr a milhas de Portland.

Portanto, não se pode dizer que me sinta particularmente excitada ao ver a pessoa que está agora a avançar na minha direção.

Em três anos, as coisas podem mudar muito. Há três anos, eu tinha menos sete centímetros e meio de altura. Há três anos, o meu pai não tinha ainda madeixas visíveis de cabelos brancos. Há três anos, este momento não teria nada de perturbador.

Faço um esforço por sorrir, por forçar um riso aberto e não ter assim de explicar o porquê da expressão de desagrado que marca permanentemente os meus lábios. É tão mais fácil limitarmo-nos a sorrir.

— A minha pequenina! — exclama o meu pai, abrindo desmesuradamente os olhos e abanando a cabeça, sem conseguir acreditar que eu não tenho já o aspeto que tinha aos treze anos. É muito chocante, na realidade, que um adolescente de dezasseis anos não tenha o mesmo aspeto que tinha quando andava no oitavo ano.

— É verdade — respondo, levantando-me e tirando o auscultador do ouvido. Dos fios que me pendem das mãos, chega-me a vibração reconfortante da música.

— Senti muito a tua falta, Eden — diz ele, como se esperasse ver-me explodir de alegria ao saber que o meu pai, que nos abandonou, sente

a minha falta ou talvez mesmo cair nos seus braços e perdoar-lhe, ali mesmo e naquele momento. Mas as coisas não se passam assim. O perdão não é coisa que nos seja devida: temos de nos esforçar por o conquistar.

No entanto, tendo em conta que vou viver com ele durante as próximas oito semanas, o melhor será talvez pôr de lado a minha hostilidade. — Também senti a tua falta.

O meu pai sorri, radiante, com covinhas a afundarem-se na cara, como uma toupeira a afundar-se na terra. — Dá cá a tua mala, que eu levo — diz ele, pegando no meu trólei e puxando-o sobre as rodas.

Sigo-o, abandonando o LAX¹. Mantenho os olhos bem abertos, na esperança de avistar alguma estrela de cinema ou modelo que por acaso se cruze comigo, mas chegamos à rua sem que descubra alguém.

Ao atravessar o parque de estacionamento, sinto na cara o calor intenso do sol que me pica a pele e a brisa suave que faz esvoaçar o meu cabelo. O céu está praticamente limpo, à exceção de algumas nuvens incómodas.

— Pensei que estivesse mais calor — comento, irritada por a Califórnia não ser na realidade isenta de vento, nuvens e chuva, como em todos aqueles estereótipos em que me tinham feito acreditar. Nem me tinha nunca passado pela cabeça que a insípida cidade de Portland pudesse ser mais quente no verão do que Los Angeles. A desilusão é tão grande que a minha única vontade é voltar para casa, por muito desinteressante que o Oregon possa ser.

— Mesmo assim está bastante calor — responde o meu pai, encolhendo os ombros, quase como se quisesse pedir desculpa pelo estado do tempo. Olho-o pelo canto do olho e vejo a sua irritação crescente por não conseguir descobrir em recanto algum do cérebro alguma coisa para dizer. Não há nada sobre o que conversar, para além do desconforto da situação.

Ele e a minha mala detêm-se ao lado de um *Lexus* preto, e eu fico a olhar, incrédula, para a pintura brilhante. Antes do divórcio, ele e a minha mãe partilhavam um *Volvo* meio escaqueirado, que avariava uma vez por mês. E era se tivéssemos sorte. Ou o seu novo emprego é fantásticamente bem pago ou, desde que nos deixou, decidiu ser mãos largas. Talvez não merecêssemos que ele gastasse o seu dinheiro connosco.

— Está aberto — diz ele, indicando a porta com o olhar, enquanto abre a bagageira e atira a minha mala lá para dentro.

¹ Aeroporto de Los Angeles. (NT)

Contorno o carro, faço escorregar a mochila dos ombros, abro a porta e entro. O couro queima a pele nua das minhas coxas. Espero em silêncio, durante uns segundos, enquanto o meu pai se instala atrás do volante.

— Então o voo, foi bom? — pergunta ele, dando início a uma conversa generalista, enquanto liga o motor e se dirige para a saída.

— Sim, foi. — Estico o cinto de segurança sobre o corpo e faço encaixar o fecho, mantendo o olhar fixo e vazio através da janela e segurando a mochila no colo. O sol é tão forte que cega e eu abro a bolsa da mochila para tirar os óculos escuros. Ponho-os e deixo escapar um suspiro.

Quase ouço o meu pai engolir, num esforço para inspirar profundamente, antes de perguntar: — Como é que está a tua mãe?

— Está ótima — respondo, mostrando-me excessivamente entusiasmada no meu esforço de dar a entender que ela passa perfeitamente sem ele. No entanto, isto não é inteiramente verdade. Ela está bem. Não está fantástica, mas também não está mal. Passou estes últimos anos a convencer-se a si própria de que o divórcio é uma experiência com a qual tem muito a aprender. Quer acreditar que vai ganhar sabedoria, mas, muito honestamente, a única coisa que ganhou até agora foi uma atitude de desprezo em relação aos homens. — Nunca estive tão bem.

O meu pai acena com a cabeça, segurando com firmeza o volante, enquanto o carro roda, abandonando o estacionamento do aeroporto, e entra na avenida principal. Há uma data de faixas por onde os carros passam a grande velocidade, o que faz com que, apesar de o trânsito ser uma loucura, se avance com razoável rapidez. A paisagem é bastante monótona. Os edifícios não trepam como arranha-céus gigantes, como os de Nova Iorque, nem há fileiras de árvores, como em Portland. A única coisa que me agrada efetivamente é verificar que, afinal, as palmeiras existem. Bem no meu íntimo, sempre me questionara se não seriam apenas um mito.

Passamos sob uma quantidade de placas de sinalização, uma por cima de cada faixa, indicando as cidades próximas e os subúrbios. Deslizamos velozmente por elas e apenas consigo vislumbrar formas desfocadas. O silêncio está de novo instalado e o meu pai apressa-se a aclarar a voz e a fazer uma segunda tentativa para manter uma conversa.

— Vais adorar Santa Monica — diz ele, com um sorriso breve. — É uma grande cidade.

— Lá, vi na Net — respondo, apoiando o braço contra a janela e fitando a avenida, lá fora. Até agora, LA não parece ter o *glamour* que

mostrava em todas aquelas imagens que aparecem na Net. — É aquela que tem assim uma cena tipo cais, não é?

— Sim, o Pacific Park. — Um reflexo de sol realça o brilho do ouro da aliança de casamento, que se destaca no dedo do meu pai, no ponto em que a mão se dobra sobre o volante. Suspiro, irritada. Ele repara. — A Ella está ansiosa por te conhecer — diz.

— Eu também. — O que é mentira.

A Ella, segundo informação recente do meu pai, é a sua nova mulher. Uma substituta para a minha mãe: uma cena nova e melhor. E aí está o que não consigo compreender. O que é que essa tal Ella tem que a minha mãe não tenha? Uma técnica mais avançada de lavar loiça? Faz um rolo de carne melhor?

— Espero que vocês as duas se deem bem — diz o meu pai, após um momento de silêncio asfíxiante. Muda para a faixa da direita. — Quero mesmo muito que isto dê certo.

O meu pai pode querer que isto dê certo, mas eu, pela minha parte, não estou ainda completamente convencida com esta ideia de modelo de família ideal recuperada. A ideia de ter uma madrasta não faz a minha felicidade. O que eu quero é uma família nuclear, uma família de anúncio a cereais, com a minha mãe, o meu pai e eu. Não gosto de compromissos. Não gosto de alterações.

— Quantos filhos é que ela tem mesmo? — pergunto, no meu tom mais desdenhoso. É que eu não fui apenas abençoada com uma encantadora madrasta, como ganhei ainda meios-irmãos.

— Três — responde secamente o meu pai. Está cada vez mais irritado com o meu óbvio modo de negação. — O Tyler, o Jamie e o Chase.

— OK — assinto. — E que idade têm?

Ele responde, sem desviar os olhos do sinal de stop, a poucos metros, e abrandando a marcha. — O Tyler fez agora dezassete, o Jamie tem catorze e o Chase... o Chase tem onze. Faz os possíveis para te dar bem com eles, querida. — Pelo canto dos seus olhos cor de avelã, lança-me um olhar implorativo.

— Ah — respondo. Até agora, partira do princípio de que iria encontrar uns bebés ainda incapazes de dizer duas frases com sentido. — Tá.

Trinta minutos depois, estamos a entrar numa alameda serpenteante, numa zona que parece ser a periferia da cidade. A alameda é ladeada por enormes árvores, cujos troncos largos e ramagem frondosa proporcionam a sombra que protege do calor. As casas são todas maiores do que aquela

em que eu vivo com a minha mãe e são desenhadas e construídas individualmente. Não há duas casas iguais, nem em formato, nem em cor, nem em tamanho. O *Lexus* do meu pai para em frente de uma delas, de pedra branca.

— Vivem aqui? — Deidre Avenue parece-me demasiado normal, como se estivéssemos em qualquer terra do interior da Carolina do Norte. LA não deveria ser normal. Devia ser cintilante, inacreditável e completamente surreal, mas não é.

O meu pai confirma, acenando com a cabeça, desliga o motor e fecha a pala de proteção contra o sol. — Estás a ver aquela janela? — Aponta para uma janela no segundo andar, mesmo ao centro.

— Já?

— É o teu quarto.

— Ah — respondo. Não esperava ter o meu próprio quarto, só para as oito semanas que aqui vou estar. Mas a casa parece-me bastante grande, portanto penso que quartos livres será coisa que não falta. Estou contente por não ter de ficar a dormir numa cama insufável no meio da sala de estar. — Obrigada, pai. — Quando tento levantar-me, percebo que os calções têm indubitavelmente os seus prós e contras. Pró: sinto as pernas frescas e confortáveis, apesar do calor. Contra: tenho as coxas coladas ao couro do *Lexus*. O que me obriga a levar mais de um minuto para sair do carro.

O meu pai dirige-se para a bagageira, tira a minha mala e pouso-a no empedrado. — É melhor irmos andando para dentro — diz, agarrando na pega da mala e fazendo-a rodar atrás de si.

Com uma passada larga, salto a divisória do estacionamento e sigo-o ao longo do caminho empedrado que conduz à porta principal, de mogno e almofadada como se espera que sejam todas as portas das casas dos ricos. Enquanto isto, não deixo de fitar os *Converse* que tenho nos pés, detendo-me na minha caligrafia descuidada, que decora todo o rebordo branco da sola de borracha. Tal como na minha mala de viagem, reproduzem, a marcador preto, letras de canções. Olhar fixamente para a escrita é uma boa terapia para os nervos... pelo menos até chegarmos à porta.

A casa em si — apesar de ser um símbolo ofensivo do consumismo — é muito bonita. Comparada com a casa onde eu acordei esta manhã, podia passar por uma unidade de alojamento local de cinco estrelas. Na garagem está estacionado um *Range Rover*. *Quanto exibicionismo*, penso para comigo.

— Nervosa? — pergunta o meu pai, hesitante, antes de abrir a porta. Depois sorri, tranquilizador, para mim.

— Mais ou menos — admito. Tenho tentado não pensar na interminável lista de coisas que podem correr mal, mas algures, no meu íntimo, há uma sensação de medo. E se eles me detestarem todos, profundamente?

— Não estejas. — Abre a porta e avançamos para o interior, arrastando a minha mala, com as rodas a raspar pelo soalho de madeira.

Assim que entramos, somos envolvidos por um aroma intenso a alfazema. À minha frente, uma escadaria conduz ao andar de cima e uma porta à minha direita dá entrada, pelo que consigo ver pela fresta deixada aberta, para a sala de estar. Logo a seguir, um arco largo faz a ligação com a cozinha, de onde sai uma mulher, que se aproxima de mim.

— Eden! — grita a mulher. Esmaga-me num abraço que as dimensões do seu busto atrapalham um bocado e depois dá um passo atrás para me observar. Eu retribuo o interesse. Tem cabelo loiro e é magra. Por um qualquer motivo completamente absurdo estava à espera que ela tivesse algumas parecenças com a minha mãe. Mas, segundo parece, o meu pai alterou os seus gostos no que diz respeito a mulheres ao mesmo tempo que alterou os seus padrões de vida. — É tão bom conhecer-te, finalmente!

Dou um curto passo atrás, afastando-me dela, e domino a vontade feroz de revirar os olhos ou fazer uma careta. Se eu fosse capaz de manifestar um tal grau de desrespeito, de certeza que o meu pai me arrastaria imediatamente de volta para o aeroporto. Opto por cumprimentar: — Olá!

E, de repente, ela exclama, num impulso: — Meu Deus, tens os olhos do Dave! — O que, muito provavelmente, seria a coisa menos acertada para alguém me dizer, tendo em conta que eu queria era ter os olhos da minha mãe. Não foi a minha mãe que abandonou a família.

— Os meus são mais escuros — murmuro, desdenhosamente.

A Ella não insiste no tema e limita-se a mudar radicalmente o rumo da conversa. — Tens de conhecer os outros. Jamie, Chase, venham cá! — grita para o cimo das escadas, antes de se voltar para mim. — O Dave já te falou do convívio logo à noite?

— Convívio? — repito. Uma reunião social não era de certeza uma das minhas Coisas a Fazer em Visita à Califórnia. Principalmente se for um convívio com pessoas desconhecidas. — Pai? — Ergo os olhos de relance para ele, esperando não estar a dirigir-lhe um olhar assassino, e levanto interrogativamente as sobrancelhas.

— Convidámos os vizinhos para um churrasco — explica o meu pai. — Não há melhor forma para entrar em grande no verão do que um velho e tradicional churrasco. — Eu só queria que ele parasse com aquela conversa.

Muito sinceramente, se há duas coisas que eu odeie, são grandes grupos de pessoas e churrascos. — Fantástico — respondo.

Ouve-se uma série de estrondos, seguidos por dois rapazes a descer as escadas a correr, batendo estrondosamente com os pés na madeira, ao saltarem os degraus de dois em dois.

— Esta é a Eden? — sussurra o mais velho para a Ella, ao chegar ao pé de nós, mas eu ouço-o perfeitamente. Deve ser o Jamie. E o mais novo, de olhos enormes, deve ser o Chase.

— Olá — digo. Os meus lábios curvam-se num sorriso afetuoso. Do que recordo da conversa no carro, o Jamie tem catorze anos. Apesar de ser dois anos mais novo do que eu, é da minha altura. — Então, que tens feito?

— Nada de especial — responde o Jamie. Ele é mesmo filho da Ella. Os seus olhos azuis brilhantes e o cabelo loiro despenteado tornam essa relação inegável. — Queres uma bebida ou uma coisa qualquer?

— Estou bem, obrigada — respondo. Devido à sua atitude muito séria e aos modos impecáveis, aparenta ser mais velho do que é na realidade. Pode ser que nos venhamos a dar bem.

— Chase, não dizes olá à Eden? — A Ella fala-lhe num tom encorajador.

Vê-se que o Chase é muito tímido. Também herdou os genes bem definidos da Ella. — Olá — murmura ele, sem me olhar nos olhos. — Mãe, posso ir a casa do Matt?

— Claro que sim, querido, mas não te esqueças de estar de volta às sete — responde a Ella. Pergunto-me se será daquelas mães que chateia logo que se deixa cair uma migalha na tapete da sala ou se será do tipo de não se ralar se desaparecermos durante dois dias. — Vamos ter o churrasco, lembra-te?

Chase acena afirmativamente e depois passa por mim a correr, abre a porta da rua, sai e volta a fechá-la, tudo a grande velocidade e sem sequer murmurar um adeus a qualquer um de nós.

— Mãe. Queres que eu vá mostrar a casa à Eden? — pergunta o Jamie assim que o irmão sai.

— Isso era ótimo — respondo em vez dela. A companhia do Jamie será sem dúvida melhor do que a do meu pai, da Ella ou mesmo dos dois

em conjunto. Não consigo entender a vantagem de passar o tempo com pessoas que preferia sem sombra de dúvida não ter por perto. Portanto, de momento, vou manter-me junto dos meus novos e maravilhosos meios-irmãos. Com certeza que para eles toda esta cena é tão bizarra como para mim.

— É muito querido da tua parte, Jay — diz a Ella. Parece estar grata por não ter de ir mostrar-me onde fica a casa de banho. — Mostra-lhe o quarto dela.

O meu pai acena-me tranquilizadamente e sorri. — Nós vamos estar aqui pela cozinha, se precisares de alguma coisa.

Reprimo um riso sarcástico, enquanto o Jamie pega na minha mala e começa a arrastá-la escadas acima. De momento, as únicas coisas de que preciso são pernas bronzeadas e ar fresco, o que, de certeza absoluta, não vou encontrar dentro de casa, agarrada ao meu pai.

Quando me volto para subir as escadas atrás do Jamie, ouço o meu pai dizer em voz baixa, irritado: — Onde é que está o Tyler?

— Não sei — responde a Ella.

As vozes começam a sumir-se à medida que a distância entre nós aumenta, mas não o suficiente para que eu não ouça o meu pai responder: — E então deixaste-o sair, simplesmente?

— Sim — responde a Ella, já quase fora do meu alcance.

— Ficas mesmo em frente a mim — informa-me o Jamie quando chegamos ao corredor. — O teu quarto é o mais fixe. Tem a melhor vista.

— Desculpa. — Rio-me discretamente e tento manter o sorriso, enquanto ele se dirige para uma das cinco portas. Quando me detenho por um momento para olhar para baixo, para a entrada, o meu olhar fixa-se no cabelo loiro da Ella, que passa pelo arco de ligação à cozinha.

Quer-me parecer que ela é do tipo de não se ralar se alguém desaparecer.